A MOBILIDADE DA FORÇA DE TRABALHO DOS TRABALHADORES DO DISTRITO DE LUCAIA, PLANALTO-BA E SUAS EXPRESSÕES ESPACIAIS

Hannah Gomes Cordeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-4909-0961
Endereço eletrônico: geografiahannah@gmail.com

Miriam Cléa Coelho Almeida
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2662-4466
Endereço eletrônico: miriam.coelho@uesb.edu.br

Palavras-chave: mobilidade; expressões espaciais; força dos trabalhadores.

INTRODUÇÃO

O presente resumo é resultado de pesquisa monográfica, realizada no curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que investigou as condições e relações da mobilidade da força de trabalho dos trabalhadores da construção civil do distrito de Lucaia, Planalto-BA e suas expressões espaciais.

Esse esforço acadêmico científico objetivou investigar as relações da mobilidade da força de trabalho com a produção espacial no distrito de Lucaia-Planalto-Bahia, ou seja, buscou-se compreender como a venda da força de trabalho de moradores deste distrito, no setor da construção civil, interferiu, diretamente, no uso e na produção do espaço local.

Para compreender essa dinâmica, ampara-se nos aportes teóricos de Gaudemar (1977), sobre a mobilidade da força, pois nos ensina que a mobilidade da força de trabalho não é uma condição natural do ser humano, mas uma expressão das dinâmicas do modo de produção capitalista, constitui um mecanismo utilizado pelo capital para controlar e explorar a classe trabalhadora, submetendo os trabalhadores às necessidades de valorização e acumulação do capital. Nessa perspectiva, Perpétua (2013) argumenta que a movimentação dos trabalhadores entre diferentes espaços está diretamente relacionada às desigualdades espaciais existentes.

Segundo Perpétua (2013), o capital tende a concentrar-se nos municípios mais desenvolvidos, onde há maior oferta de serviços.

Com isso, a mobilidade da força de trabalho e a produção do espaço são categorias centrais para entender as dinâmicas socioeconômicas que moldam a vida dos trabalhadores e do distrito de Lucaia-Planalto-Bahia, que movem sua força de trabalho para as atividades na construção civil. Esses trabalhadores, frequentemente, enfrentam desafios únicos que afetam suas condições de vida, organização social e a produção do espaço. Com isso, as condições de trabalho no setor da construção civil, na maioria dos casos, são marcadas pela precariedade e precarização. Sobre isso, Almeida (2017), ao analisar as condições de precariedade, precarização de trabalhadores na construção civil e a sua transformação em trabalhador móvel, considera que estes estão exatamente no modo que interessa o capital (Almeida, 2017).

Ao articular esse debate da mobilidade da força de trabalho e do capital com a produção do espaço, ampara-se nas contribuições de Lefebvre (2006), pois revolucionou a compreensão do espaço ao demonstrar que ele é socialmente produzido e não apenas um cenário passivo para as atividades humanas. Nessa mesma perspectiva teórica, Carlos (2011) discute que o espaço é uma construção social, resultado das relações e práticas humanas, as quais expressam as dinâmicas econômicas, políticas e sociais.

Sendo assim, é importante considerar as dinâmicas laborais como parte da produção do espaço no distrito de Lucaia, Planalto, Bahia. Essas dinâmicas envolvem não apenas a postura física dos trabalhadores, mas também a forma como suas práticas moldam e transformam o espaço ao longo do tempo.

METODOLOGIA

Para investigar as relações e condições da mobilidade da força de Trabalho com a produção do espaço no distrito de Lucaia, Planalto - BA, fundamentou-se no materialismo histórico-dialético e utilizou como base os aportes teóricos de autores que discutem a relação entre trabalho, mobilidade e produção do espaço (Gaudemar, 1977; Perpétua, 2013), bem como as contribuições de Lefèbvre (2006) e Carlos (2011), sobre a Produção do Espaço, além de Almeida (2017), que discute sobre os processos de trabalho na construção civil.

Do ponto de vista metodológico, foram levantadas informações primárias por meio de

questionários aplicados a trabalhadores da construção civil do distrito de Lucaia, Planalto-BA. Além disso, foram consideradas conversas informais com os trabalhadores, que contribuíram para compreender as condições e relações de trabalho, os vínculos empregatícios, os deslocamentos realizados e as implicações dessa mobilidade na vida cotidiana dos sujeitos pesquisados. Realizou-se ainda observações diretas e registros fotográficos. Os dados foram organizados em tabelas e analisados a partir da relação entre mobilidade da força de trabalho e produção do espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos durante a pesquisa atestam que a mobilidade da força de trabalho dos trabalhadores da construção civil do distrito de Lucaia está diretamente associada às condições e relações de trabalho às quais esses sujeitos estão submetidos. Nessas circunstâncias, os trabalhadores de Lucaia realizam longas jornadas de trabalho, visto que precisam se mover de uma cidade para outra sem qualquer remuneração pelo tempo de deslocamento. Ao analisar os dados da pesquisa, observa-se que 56% dos trabalhadores cumprem jornadas de 6 a 8 horas diárias, enquanto 36% cumprem jornada de 8 horas. No entanto, esse dado quantitativo, por si só, não revela as condições subjetivas envolvidas, como o cansaço acumulado, o pouco tempo para o convívio familiar, o impacto na saúde física e mental desses trabalhadores e a segurança no ambiente de trabalho.

Em outros casos, mesmo entre os trabalhadores formalizados (com carteira assinada), as condições nem sempre permitem o cumprimento ou recebimento de horas extras. Isso ocorre porque, mesmo que estejam contratualmente aptos a realizar horas a mais, são obrigados a sair do trabalho em horários fixos para não perder o transporte que os leva de volta ao distrito.

No ambiente laboral é possível ver a divisão do trabalho. Os pedreiros e serventes, que antes eram suficientes para início e término de uma obra, hoje têm suas funções fragmentadas. Essa fragmentação do trabalho, embora possa aparentar uma modernização técnica e aumento da produtividade, mostra também aspectos contraditórios. Com isso, Almeida (2017) argumenta que "[...] essa fragmentação tem, contraditoriamente, se constituído num mecanismo poderoso de acumulação na construção civil e de empobrecimento do trabalhador" (Almeida, 2017, p. 180). A divisão do trabalho é evidente no distrito de Lucaia,

pois os dados apontam que 40% dos trabalhadores atuam como pedreiros, 36% como serventes, 8% como armadores, 8% como azulejistas e 8% como mestres de obras. Essa distribuição confirma a tendência em fragmentar as funções na construção civil, pautada pelas orientações da reestruturação produtiva neste setor.

Compreender as determinações que envolvem uma mobilidade populacional é essencial para ir além das motivações apresentadas e alcançar as condições estruturais que moldam e condicionam os fluxos. No caso da mobilidade da força de trabalho da construção civil do Distrito de Lucaia, torna-se evidente que razões e determinações estão entrelaçadas. A "escolha" recorrente de Vitória da Conquista como destino para os trabalhadores da construção civil do Distrito de Lucaia não é aleatória, mas sim, uma resposta direta à centralidade que a cidade exerce como polo regional. A mobilidade, nesse caso, é menos fruto de um desejo e mais uma necessidade imposta por uma estrutura socioeconômica desigual. Os trabalhadores se movem diariamente, em muitos casos, enfrentando longos trajetos e condições precárias de transporte, apenas para garantir a inserção mínima no mercado de trabalho, marcado por instabilidade, informalidade e rotatividade.

Os trabalhadores da construção civil do Distrito de Lucaia, que saem de casa antes do sol nascer e chegam após o sol se pôr, passam despercebidos pela sociedade. São sujeitos sociais responsáveis por edificar as estruturas que possibilitam a vida em sociedade, seja com a construção de estradas, hospitais, universidades ou casas para moradia, como a maioria dos trabalhadores de Lucaia apontam trabalhar, o que expressa o quanto a venda da força de trabalho está ligada à expansão urbana e à produção do espaço.

Dessa forma, esses trabalhadores, contraditoriamente, produzem espaços, mas não se apropriam deles, pois não são donos do produto que produzem. Ao contrário, o produto por eles produzido, neste caso, a cidade, volta-se contra o trabalhador, na medida em que o repele e o expulsa para espaços precarizados. Com isso, vê-se que os trabalhadores em estudo estão submetidos a condições de trabalho inadequadas e que expõem sua saúde e qualidade de vida a riscos, enquanto buscam pela sobrevivência.

CONCLUSÕES

A mobilidade cotidiana dos trabalhadores da construção civil de Lucaia não é apenas um reflexo das dinâmicas econômicas impostas pelo capital, mas um elemento ativo na produção e transformação do espaço. Ao se moverem para outros centros urbanos, esses trabalhadores participam diretamente da construção das cidades, e evidenciam uma contradição: ao mesmo tempo em que edificam os espaços urbanos, permanecem à margem deles, frequentemente sem acesso à moradia digna nos espaços que ajudam a construir. Além disso, esses trabalhadores ao retornarem à comunidade com seus salários, movimentam o comércio, demandam serviços e fortalecem as dinâmicas sociais e econômicas do distrito, contribuindo assim para sua contínua constituição e transformação espacial. A mobilidade da força de trabalho dos trabalhadores da construção civil do Distrito de Lucaia expressa uma necessidade imposta por uma estrutura socioeconômica desigual. Esses trabalhadores se movem diariamente para garantir a inserção mínima no mercado de trabalho, marcado por instabilidade, informalidade e rotatividade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. C. **Memória, trabalho e território:** o processo de trabalho na construção civil na cidade de Vitória da Conquista – BA. Tese (Doutorado em Memória Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, 2017.

CARLOS, Ana Fani A. **A Condição Espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

GAUDEMAR, J. P. de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

LEFÈBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad.: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martin. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PERPÉTUA, G. M. Mobilidade espacial do capital e da força de trabalho: elementos para uma teorização geográfica a partir da matriz marxista. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, v. 14, n. 1, Jul/2013, p. 58-79.